Na sua entrevista autobiográfica, Mons. Williamson silencia sobre sua relação com Malcolm Muggeridge

Nesta entrevista, Monsenhor Williamson omite completamente a influência de Malcolm Muggeridge. Ele admite que entrou sucessivamente em dois seminários conciliares, com menos de dois anos de intervalo, e que foi expulso em ambas as vezes, e que depois se dirigiu a Ecône, apresentado por seu conselho irlandês como o único lugar onde encontraria uma grande liberdade de expressão. Ele não parece ter entrado lá devido ao seu apego à missa tridentina, pois não faz menção alguma a isso. Pode-se até imaginar, com base nas duas expulsões conciliares que admite, que durante um período de dois anos sua experiência com a missa tridentina foi breve antes de sua entrada em Ecône.

http://qien.free.fr/2006/200610/20061002_williamson.htm

Entrevista de S.E. Mons. Richard N. Williamson por Stephen L.M. Heiner – 2 de outubro de 2006 – para o número de outubro de *Angelus* – **Minha Entrevista com S.E. Monsenhor N. Williamson, para o *Angelus* de outubro**

[…]

Vossa Excelência, vamos começar pelo começo. Que vida familiar havia na casa dos Williamson?

Meus pais não eram católicos, mas o que é certo é que se esforçavam para cuidar de seus filhos da melhor forma possível. Eles se asseguraram de que eu recebesse uma boa educação até os dezoito anos, e mesmo até os vinte e um.

Quem eram os outros dois filhos?

Tenho um irmão mais velho e um irmão mais novo. Nenhum deles é católico, mas ambos ainda estão vivos. Meu irmão mais novo vive na Nova Zelândia, então eu o vejo raramente, e meu irmão mais velho vive na Inglaterra, onde o vejo de vez em quando.

O que eles pensam sobre ter um irmão bispo?

Eles não veem objeção a isso. Estão felizes que eu faça o que é importante para mim.

Eu ouvi dizer que você conheceu o doutor Albert Schweitzer na sua juventude. É verdade?

É verdade. De 1963 a 1965, fui professor em Gana, na África Ocidental, país que foi chamado de Costa do Ouro até 1958, ano de sua independência. Durante as férias de verão de 1964, embarquei em um navio francês que descia a costa da África Ocidental até Libreville, capital do Gabão francês, para visitar o doutor Schweitzer, já que ele morava nas proximidades. Naquela época, ele já era muito famoso como um herói missionário na África, uma espécie de Madre Teresa à frente de seu tempo. Passei quatro semanas em seu famoso hospital na selva, pois trabalhadores convidados eram sempre bem-vindos. Tive a oportunidade de conversar pessoalmente com ele em duas ocasiões. Era uma figura interessante. Certamente, ele não possuía a Fé católica, mas tinha uma visão bastante realista sobre a África e sua política. Ele estava bem idoso quando o conheci, era originário da Alsácia e conhecia muito bem a música, especialmente Bach. Lembro-me de ter conversado com ele sobre Beethoven, que ele admirava "por suas modulações e a liberdade de sua orquestração".

Por que esse hospital era famoso?

Embora muito rudimentar pelos padrões modernos, esse estabelecimento fazia muito bem em termos médicos, pois estava adaptado de forma realista às condições africanas. Tive férias extremamente interessantes lá! O doutor Schweitzer foi extremamente hospitaleiro.

Alguns dizem que Beethoven teve um grande papel em sua conversão. É verdade?

Certamente. Se eu não tivesse Beethoven para acompanhar minha adolescência, talvez não fosse católico hoje. Mozart também me ajudou muito, e Wagner conferiu à minha vida uma dimensão religiosa adicional.

Wagner não era o compositor favorito dos nazistas e de Hitler?

Wagner agradava a Hitler justamente porque suas óperas apresentam uma dimensão religiosa desprovida de Fé, prometendo uma espécie de "substituto" para a redenção.

Quem é o redentor nas óperas de Wagner?

Fundamentalmente, é a mulher. Principalmente em O Holandês Voador e no Anel.

Por quê?

Porque, como São Paulo escreve em sua primeira epístola aos Coríntios (11), assim como Cristo é a cabeça do homem, o homem é a cabeça da mulher. Na época da Revolução Francesa, o homem moderno geralmente se recusava a estar sob a dominação de Cristo, mas para que tudo não desmoronasse, a mulher permaneceu sob a dominação do homem por um tempo. Assim, ela "salvou" a situação durante cerca de um século, período em que Wagner escreveu suas óperas. No entanto, no início do século XX, a mulher se cansou disso, e foi então que começou sua "emancipação". As fundações da sociedade não pararam de vacilar desde então!

Para voltar à ópera, o que você diria sobre esse tema que possa nos ajudar a viver como católicos?

A ópera não é, manifestamente, necessária para viver como católico. No entanto, como todas as grandes artes, ela carrega muitas verdades sobre a vida humana. E, como disse São Agostinho, toda verdade pertence aos católicos, o que significa que um católico pode tirar proveito da verdade sempre que a encontra. A ópera é, por sua natureza, muito humana; é por isso que, em um mundo moderno cada vez mais anti-humano, a ópera pode proporcionar uma boa "educação sentimental", ou seja, uma formação do coração humano muito melhor do que a proporcionada por Hollywood ou pela televisão.

Além da música, o que mais contribuiu para a sua conversão?

Principalmente a leitura do início da Summa Theologiae de São Tomás de Aquino. Um jesuíta amigo da família me recomendou ler Pierre Teilhard de Chardin, mas acrescentou que, se eu tivesse o gosto por "coisas mais antigas", poderia tentar São Agostinho ou São Tomás de Aquino. Então experimentei a Summa e gostei muito. É totalmente desprovida de sentimentalismo! Eu, que estava acostumado a uma religião melosa, açucarada, doce, de repente me vi diante de verdades imensas e duras como pregos. Eu realmente gostei muito.

Portanto, você se converteu… à religião da Igreja conciliar?

Inicialmente, sim. Fui recebido na Igreja no início de 1971 por um padre "conservador". Ele não concordava com Monsenhor Lefebvre. Mas ele acreditava na minha vocação, então me enviou primeiro para um diocese, depois para uma congregação religiosa em Londres. Como fui expulso pela segunda vez, ele me disse com seu forte sotaque irlandês: "Se você não sabe fechar a boca, só há um lugar para você: Ecône". Foi para Ecône que eu fui.

Quais foram suas primeiras impressões de Ecône e do Arcebispo?

Ecône: ordem e paz. O Arcebispo: irradiando ordem e paz.

E como você percebeu seus colegas seminaristas, que Monsenhor Tissier descreve em seu livro como um grupo "frágil e desigual"?

Os seminaristas eram homens bons, uma espécie de "fragmentos" oriundos da explosão da década de sessenta, que foram magnetizados pelo Arcebispo, que os acolheu durante os anos setenta. Esse magnetismo era muito forte, sem ser um culto à personalidade. Havia em Ecône uma alegria tranquila e uma tensão em direção a um objetivo.

Revision #2
Created 21 September 2024 01:37:13 by Admin
Updated 23 September 2024 19:17:48 by Admin